

RESUMO - ORIGINAIS EM SAÚDE COLETIVA

O PARADOXO DA “DROGA DA ATENÇÃO”: O EFEITO DO METILFENIDATO EM PACIENTES QUE NÃO POSSUEM TDAH

Adelmo Lowe Pletsch (adelmo@utfpr.edu.br)

Brenda Paula Holz Pletsch (brendaholzpletsch@hotmail.com)

Gabriela Ceccato Pedroni (pedronigabriela@gmail.com)

Joao Gabriel Santini (joasantini04@gmail.com)

Laura Helena Picoli Tomazoni (laurahptomazoni@hotmail.com)

Lucas Aita Coronel (lucasaitacoronel@gmail.com)

Maria Fernanda Santini (maria_fernandasantini@hotmail.com)

INTRODUÇÃO: O cloridrato de metilfenidato (MPH) é um psicoestimulante, estruturalmente relacionado às anfetaminas, estabelecido como tratamento de primeira linha para o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Conquanto, seu uso não prescrito tem se tornado popular em pessoas saudáveis, as quais o utilizam como um “aprimorador cognitivo”, buscando melhores desempenhos. Esta prática insere-se em um contexto de medicalização de desafios

cotidianos, onde dificuldades de concentração e cansaço são reenquadradas como

problemas médicos passíveis de uma solução farmacológica. O cerne da questão

reside em um paradoxo: a crença subjetiva dos benefícios do fármaco contrasta com

a ausência de evidências científicas que comprovem um aprimoramento cognitivo

real em indivíduos sem TDAH, ao mesmo tempo que os expõe a riscos significativos.

OBJETIVOS: Analisar, por meio de uma revisão de literatura, o uso de metilfenidato

por indivíduos sem diagnóstico de TDAH, comparando a percepção subjetiva de

melhora no desempenho com os resultados objetivos de estudos científicos, e

descrevendo, assim, os riscos associados a essa prática. **METODOLOGIA:** Trata-se

de uma revisão integrativa da literatura. Foram realizadas buscas nas bases

PubMed/Medline, SciELO e Lilacs, utilizando os descritores "metilfenidato"

(methylphenidate), "uso não médico" (non-medical use) e "aprimoramento cognitivo"

(cognitive enhancement), combinados pelo operador booleano AND. Foram incluídos

estudos originais, estudos clínicos, revisões sistemáticas e meta-análises publicados

em português, inglês ou espanhol, que abordassem o uso de metilfenidato em

indivíduos sem diagnóstico de TDAH. Excluíram-se relatos de casos, trabalhos que

se restringiam a pacientes com TDAH e trabalhos que tangenciam o objetivo da revisão. A seleção ocorreu em duas etapas: triagem de títulos/resumos e leitura

integral. Dos 187 artigos iniciais, 24 preencheram os critérios e compuseram a revisão. RESULTADOS: A literatura analisada indica que o uso de metilfenidato em indivíduos sem diagnóstico de TDAH está associado a uma discrepância entre a percepção subjetiva de benefício e achados objetivos de desempenho cognitivo. De acordo com a revisão, os usuários sem TDAH apontam maior concentração, disposição e rendimento acadêmico. Entretanto, ensaios clínicos controlados não demonstram ganhos consistentes em domínios cognitivos -memória, atenção sustentada e funções executivas. Esses efeitos estão, na verdade, relacionados ao aumento da sensação individual de bem-estar, sem um genuíno aprimoramento das capacidades mentais. A literatura descreve, ainda, um perfil de risco relevante: além de efeitos adversos, como insônia, cefaleia, e taquicardia, observaram-se complicações graves, incluindo eventos cardiovasculares, sintomas ansiosos, paranoia e episódios psicóticos. Destaca-se, também, o elevado potencial de abuso e dependência -decorrente da ação dopaminérgica do fármaco-, que aproxima seu uso à outros psicoestimulantes com capacidade aditiva. CONCLUSÃO: A análise da literatura evidencia que o uso de metilfenidato por indivíduos sem TDAH para aprimoramento cognitivo é um paradoxo que se sustenta em uma percepção subjetiva, porém sem dados objetivos. A sensação de melhora relatada pelos usuários parece derivar de efeitos sobre o humor e a motivação, sem um real

aumento da cognição. Em troca desse benefício ilusório, os usuários se expõem a

um espectro de riscos bem documentados, que vão de efeitos colaterais incômodos

à dependência e a complicações psiquiátricas e cardiovasculares graves.

Palavras-chave: metilfenidato; aprimoramento cognitivo; uso não prescrito.